



Anais da VIII Semana da Diversidade Humana (ISSN 2675 – 1127) — 09 a 11 de outubro de 2023 — Centro Universitário São Lucas — Porto Velho

## **De Tibira À Larissa: Res/Existências Originárias Frente A Colonização De Corpos E Subjetividades No Brasil**

Emanuelle Cristenne de Souza Araújo, Universidade Federal de Rondônia,  
[emanuellearaujo.esa@gmail.com](mailto:emanuellearaujo.esa@gmail.com)

Estevão Rafael Fernandes, Universidade Federal de Rondônia,  
[estevao@unir.br](mailto:estevao@unir.br)

**INTRODUÇÃO:** A colonização das sexualidades indígenas (Fernandes, 2017) faz parte dos processos colonizatórios que atravessaram e ainda atravessam a existência, os corpos e as subjetividades dos povos originários dos territórios hoje parte do Estado brasileiro. As relações homoafetivas, bem como diversas outras sexualidades, sempre estiveram presentes na história das sociedades indígenas, em grande parte dessas comunidades tais práticas eram consideradas comuns e não eram motivo de qualquer tipo de negação (Alexandre, 2023, p.108). Fazendo-se possível apontar os moldes hegemônicos, heteronormativos e binários, não só como uma herança viva, mas um dos aparatos, da colonização (Arisi e Fernandes, 2017; Silva (org.), 2023). Neste sentido, o presente trabalho volta-se para a (re)articulação recente do movimento indígena LGBTQIAPN+ no Brasil, como um movimento de res/existência originária. **OBJETIVO:** Analisar a recente (re) articulação do movimento indígena LGBTQIAPN+ no país, destacando suas recentes e inéditas conquistas de espaços sociais e políticos, e de visibilidade da pauta e seus sujeitos. Objetivando compreender como os movimentos de resistência se (re)formaram e (re)articularam frente a conjuntura e ao quadro social e político da última década no país, a partir do movimento indígena LGBTQIAPN+ no Brasil. E analisar, sua conexão com as transformações contemporâneas, objetivando compreender como estas impactam movimentos de res/existência na contemporaneidade. **MATERIAL E METODOLOGIA:** Para a realização deste estudo exploratório, adotou-se a antropologia digital, para análise dos perfis online dos coletivos indígenas LGBTQIAPN+, em diferentes plataformas, assim como outros perfis, como principais figuras e organizações, ligados ao tema, e a Análise de Redes Sociais para coleta e análise dos dados, a partir de uma abordagem qualitativa. Assim como pesquisa bibliográfica e documental de obras e estudos, e outros recursos relacionados ao tema de investigação, em livros, artigos, sites, etc. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A inclusão da pauta indígena LGBTQIAPN+ e espaços para esta na programação oficial do Acampamento Terra Livre, a maior mobilização de povos indígenas do país, nas duas últimas edições do evento anual, pela primeira vez na 18ª edição, e novamente

no ano seguinte, representam um momento histórico para a comunidade indígena LGBTQIAPN+ e simbolizam a conquista de um espaço importante dentro do movimento indígena, assim como a criação, dentro do Ministério dos Povos Indígenas, da Coordenação de Políticas para Indígenas LGBTQIA+, conquista ainda maior ao ter como nome a frente da Coordenação, Larissa Pankararu, uma mulher indígena lésbica. A 24ª Parada do Orgulho LGBTQS de Brasília, primeira a ser aberta exclusivamente por indígenas LGBTQIAPN+ no país, aponta para a conquista de um espaço importante pelo movimento indígena LGBTQIAPN+ também dentro da comunidade LGBTQIAPN+. O caráter inédito dessas conquistas, contudo, expõe a falta de espaços e a invisibilidade da pauta e da comunidade, tanto dentro do movimento indígena quanto dentro da comunidade LGBTQIAPN+, e na sociedade brasileira como um todo. E denunciam, com os discursos do movimento indígena LGBTQIAPN+, as múltiplas cargas de preconceito as quais sujeitos parte deste recorte são alvo, em pontos de intersecção que os tornam ainda mais vulneráveis à intolerância e a violência, em um país cujo ataques à vida e aos direitos de pessoas indígenas e LGBTQIAPN+ são constantes. Ataques que se agravaram ao longo da última década, com a crescente onda de neofacismo, conservadorismo e intolerância no país. Frente a este cenário, o movimento indígena LGBTQIAPN+, assim como outros movimentos sociais, como o movimento indígena, (re)articularam suas formas de res/existência. Neste sentido, o presente estudo aponta para os coletivos indígenas LGBTQIAPN+, em especial o Coletivo Tybyra e o Coletivo Caboclas, como os eixos principais do movimento indígena LGBTQIAPN+ em sua recente (re)articulação, ao considerar o papel e a ligação destes em relação às recentes conquistas relacionadas à causa. Como pontos principais da (re)articulação do movimento através dos coletivos, destacam-se as suas redes sociais. Neste sentido, ao falar de redes sociais, não se trata simplesmente da presença dos coletivos em sites de redes sociais, mas voltar-se para os coletivos percebendo-os através das pessoas e relações que compõem suas estruturas. **CONCLUSÃO:** Os coletivos indígenas LGBTQIAPN+ são um dos principais eixos da recente (re)articulação do movimento indígena LGBTQIAPN+ no Brasil. Isto posto, destaca-se a apropriação do uso da tecnologia e da coletividade como meio, tanto quanto ferramenta quanto como espaço, como um fator principal das (re)formas de res/existência e movimentos sociais na contemporaneidade. **AGRADECIMENTOS:** Este estudo faz parte de um projeto de pesquisa de Iniciação Científica financiado pelo CNPq.

**Palavras-Chave:** Colonização; Indígena LGBTQ; Brasil; Povos Indígenas; Movimentos Sociais;